

A Rua do Ouvidor e a escuta de Machado de Assis em “Tempo de Crise”

The Ouvidor Street and the listening of Machado de Assis in “Tempo de Crise”

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo
Universidade de São Paulo (USP)
elieni.maschio@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0012-0745>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apreender a escrita de Machado de Assis sobre a paisagem carioca a partir de seu conto “Tempo de crise”. Como o espaço percorrido pela narrativa é a Rua do Ouvidor do final do século XIX, esta será tomada como *locus* de observação e análise. São resgatados os acontecimentos do contexto histórico do Rio de Janeiro no período em que era capital do Segundo Reinado e modelo de metrópole brasileira. Dentre os textos teóricos que subsidiam o artigo estão os de Roger Bastide (2003), Katia Muricy (1988), Haroldo de Campos (1992) e Salete de Almeida Cara (2008), aportes para a compreensão das idiossincrasias do olhar e da escuta machadianos em relação à paisagem e aos tipos urbanos em ascensão. Como escritor crítico da herança europeia, o legado do autor brasileiro é marcado pela diferença e antropofagia.

Palavras-chave: Machado de Assis; Tempo de Crise; Rua do Ouvidor; Paisagem.

ABSTRACT

This paper aims to explore Machado de Assis' writing about the Rio de Janeiro landscape through his short story “Tempo de crise”. The narrative focuses on the Rua do Ouvidor of the late 19th century, which serves as the primary site of observation and analysis. Further, the study sheds light on the historical context of Rio de Janeiro during this era, when it stood as the capital of the Second Empire and served as the quintessential representation of a Brazilian metropolis. Theoretical insights from Roger Bastide (2003), Katia Muricy (1988), Haroldo de Campos (1992), and Salete de Almeida Cara (2008) provide a deeper understanding of Machado de Assis's unique perspectives on the landscape and emerging urban archetypes. As a critic of European heritage, the Brazilian author's legacy is underscored by distinctiveness and Anthropophagy.

Keywords: Machado de Assis; Tempo de crise; Ouvidor Street; Landscape.

INTRODUÇÃO

Publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, em 1873, o conto “Tempo de crise” trata de um tema surpreendentemente recente na história da política brasileira, a queda de ministérios. Escrito durante a chamada “primeira fase” da produção de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), comumente associada à influência do Romantismo, esse conto traz, entretanto, traços realistas, como o emprego da ironia na criação de tipos humanos a partir do cenário carioca. A arguta pena de Machado de Assis, também nessa narrativa, é capaz de desafiar “as expectativas do leitor do início da década de 1870, acostumado a histórias de forte apelo sentimental e carregadas de cor local” (Guimarães, 2004, p. 125).

O Rio de Janeiro, capital do Segundo Reinado, era no período o modelo de metrópole brasileira, para onde confluíam as mais diversas novidades no âmbito da política, da cultura e da economia, em diálogo com as influências estrangeiras, que incidiam nos costumes, na moda e na própria organização da pólis. O olhar e a escuta de Machado de Assis são direcionados aos tipos urbanos emergentes e ao modo como eles reconfiguravam a paisagem local, ao inscreverem a insígnia da cultura no espaço da cidade.

É o contexto de uma nação em construção, orbitando em torno de sua capital, que o escritor toma como base para compor não só “Tempo de crise”, mas boa parte de sua vasta contística, permeada por subjetividades e temas urbanos. Carioca, Machado de Assis tinha forte vínculo com a cidade natal, da qual praticamente nunca se afastou durante toda a vida.

A RUA DO OUVIDOR

Hoje, uma charmosa viela no centro do Rio de Janeiro, que preserva algumas das características da arquitetura original e onde as pessoas se reúnem em rodas de samba e restaurantes, a Rua do Ouvidor já foi o principal ponto de comércio e de recepção das novidades europeias. Também foi o *locus* de notícias sobre o cenário político, pois ali se instalaram as sedes de diversos jornais e revistas. Símbolo do avanço econômico e da

urbanização em solo nacional, a rua começou a se estabelecer a partir da chegada da família real portuguesa, em 1808.

No conto “Tempo de crise”, o espaço escolhido para materializar o crescimento metropolitano e as novas subjetividades em formação é exatamente a Rua do Ouvidor no final do século XIX, espécie de coração da cidade carioca. Próxima do cais do porto e ponto de efervescência da imprensa nascente, ela era capaz de aglutinar o espírito em formação da pulsante sociedade brasileira: “Sim; a Rua do Ouvidor é o lugar mais seguro para saber notícias. A casa do Moutinho ou do Bernardo, a casa do Desmarais ou do Garnier, são verdadeiras estações telegráficas” (Assis, 1994, p. 208-209). É digno de nota que a livraria Garnier, de propriedade de dois irmãos franceses, foi responsável pela publicação de muitos livros de Machado de Assis. O próprio escritor foi frequentador da Rua do Ouvidor, mencionada em seus romances, crônicas e contos, além de *locus* central do enredo de “Tempo de crise”.

O nome “Ouvidor” foi dado em razão da presença dos magistrados do Império no local, os chamados “ouvidores” naquela época. A rua recebeu várias outras designações ao longo do tempo, mas essa foi a adotada predominantemente pela população carioca. Era ali que chegavam não só as notícias do Império e as novidades da moda, trazidas principalmente por comerciantes franceses e portugueses, mas também os avanços tecnológicos ao Novo Mundo. Foi o primeiro lugar de instalação das iluminações a gás, espécie de materialização da chegada do “Século das Luzes” ao Brasil e uma inovação que reconfigurou o espaço público noturno: “A Rua do Ouvidor é lindíssima à noite. Estão os rapazes às portas das lojas, vendo passar as moças, e como tudo está iluminado, não imaginas o efeito que faz” (Assis, 1994, p. 218). Embora hoje faça parte da realidade da maioria das cidades, a chegada da iluminação no período foi uma grande inovação, o que propiciou novas formas de relação com o espaço e o tempo. A Rua do Ouvidor foi justamente o ponto de chegada dessas tecnologias então revolucionárias, e era o melhor lugar para saber não só das novidades da política, como no conto, mas daquilo que era desenvolvido no Velho Mundo e que atravessava o oceano em direção ao Novo. Foi uma espécie de rua de passagem, que cumpria o papel de transição de uma identidade receptiva às influências de fora para aquela com uma marca nacional mais genuína.

Apesar das proporções que hoje são comparáveis às de uma viela, o espaço estreito condensava um caldo de encontros culturais, servindo de local privilegiado para escritores

e pensadores da época debaterem questões de literatura e de política, nos famosos cafés e livrarias. Além de Machado, que a eternizou nas crônicas, nos contos e nos romances, o autor Joaquim Manuel de Macedo publicou um livro dedicado ao lugar, as *Memórias da Rua do Ouvidor*, em 1878. Esse espaço urbano era bastante propício ao debate de caros temas aos intelectuais brasileiros da época, como a abolição da escravatura e a República.

TEMPO DE CRISE

No século XIX, a Rua do Ouvidor foi se consolidando como o *locus* pulsante do espírito brasileiro, capaz de concentrar as notícias da metrópole e dos trâmites políticos, além de ser uma referência no campo da moda e um *point* de fofocas e encontros amorosos. Machado amplia o alcance lexical da palavra “ouvidor”, pois o conto “Tempo de crise” desempenha o papel de “grande ouvido” daquilo que emergia no cenário nacional. O autor, com sua crítica apurada, pôde ver e escutar muito além do que o senso comum permitiria: “O escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as Ideias” (Deleuze, 2011, p. 17).

A personagem C., no conto, elege a rua como o rosto da cidade carioca:

Dizem de Shakespeare que, se a humanidade percesse, ele só poderia compô-la, pois que não deixou intacta uma fibra sequer do coração humano. *Aplico el cuento*. A Rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia, pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a Rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias... (Assis, 1994, p. 209).

A metáfora do “corpo de pedra com um rosto” é adequada para pensar a forma como foi talhada a cidade cuja geografia lhe rendeu a insígnia de “maravilhosa” ao redor do mundo. Com relevo e paisagem singulares, na confluência do mar com as montanhas e as rochas, o “rosto humano” da urbanização foi se inscrevendo no Rio de Janeiro em uma dialética de confluência e tensão com a frondosa natureza. A Rua do Ouvidor materializava a face da sociedade emergente e as novas configurações subjetivas que começaram a se delinear com a afluência das transformações trazidas da Europa. “Amostras” de um novo tipo de individualidade podiam ser encontradas no espaço, o que converge com a simbologia da Arca de Noé, pois a rua era um representante da própria

sociedade brasileira, em microcosmo: “É a sociedade humana em ponto pequeno” (Assis, 1994, p. 210). Esse espaço em ascensão, sob o olhar de Machado de Assis, torna-se indiscernível da intervenção humana.

Injustamente tido como pouco afeito à apreciação da paisagem brasileira, o autor a percebe em diálogo com os tipos urbanos do século XIX, ou seja, a apreensão da paisagem pelo escritor é carregada dos matizes das subjetividades em formação. O elo entre o humano e a natureza aproxima o trabalho de Machado de Assis da pintura de Cézanne, segundo o sociólogo francês Roger Bastide:

Foi exatamente esse o progresso que Cézanne imprimiu à pintura, como muito bem viu Eugenio d’Ors. Seus modelos, dizia este, trocam com a natureza ambiente “tantos sinais, tantas mensagens, tantas influências, realizam com ela tantos mútuos compromissos”, que, “como as naturezas-mortas, esses retratos são, no fundo, paisagens”. Pois bem, eu quereria demonstrar que foi um progresso do mesmo gênero que Machado de Assis imprimiu à literatura: a natureza, nele, não é ausente, mas ele soube suprimir o intervalo que a separava das personagens, misturando-a com estas, fazendo-a colar-se-lhes à carne e à sensibilidade, integrando-a na massa com que constrói os heróis de seus romances (Bastide, 2003, p. 199).

O “corpo de pedra com um rosto” evoca a incidência subjetiva na paisagem: o humano incrusta-se na configuração do espaço e é por ele transformado a ponto de se tornarem quase indiscerníveis. Essa influência recíproca é captada na literatura de Machado de Assis, cujos olhar e escuta reconhecem os intercâmbios entre sociedade e território.

A face humana do Rio de Janeiro foi se formando no diálogo entre as tradições locais e as influências europeias que se magnificaram com as imigrações e a expansão da imprensa. Em “Tempo de crise”, a Rua do Ouvidor é o ponto de encontro e choque entre essas culturas e entre província e metrópole. A personagem provinciana que assume a narrativa, ao chegar à capital, sente-se atraída pelo movimento rápido das informações, que contrasta com a morosidade intrínseca à sua origem interiorana:

Lá na província chegam as notícias amortecidas pela distância, e além disso completas; quando sabemos de um ministério defunto, sabemos logo de um ministério recém-nato. Aqui a coisa é diversa, assiste-se à morte do agonizante, depois ao enterro, depois ao nascimento do outro, o qual muitas vezes, graças às dificuldades políticas, só vem à luz depois de uma operação cesariana (Assis, 1994, p. 208).

O narrador está ávido pelas notícias sobre a “crise ministerial”, mote do conto; está curioso pelos tipos urbanos emergentes, que lhe são apresentados pela personagem C.:

Queres ver a elegância fluminense. Aqui acharás a flor da sociedade, — as senhoras que vêm escolher joias ao Valais ou sedas a Notre Dame, — os rapazes que vêm conversar de teatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da política? Aqui saberás das notícias mais frescas, das evoluções próximas, dos acontecimentos prováveis; aqui verás o deputado atual com o deputado que foi, o ministro defunto e às vezes o ministro vivo. Vês aquele sujeito? É um homem de letras. Deste lado, vem um dos primeiros negociantes da praça. Queres saber do estado do câmbio? Vai ali ao *Jornal do Comércio*, que é o *Times* de cá. Muita vez encontrarás um *coupé* à porta de uma loja de modas: é uma Ninon fluminense. Vês um sujeito ao pé dela, dentro da loja, dizendo um galanteio? Pode ser um diplomata. Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário para aqui também para ter o prazer de contemplar durante minutos uma destas vidraças rutilante de riqueza, — porquanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom consigo, — é que a simples vista consola. (Assis, 1994, p. 209-210, grifo original).

Nota-se que a aproximação entre o Rio de Janeiro e as metrópoles estrangeiras vai se tecendo na própria escolha vocabular, nas comparações entre a imprensa brasileira e o *Times*, e nos hábitos de consumo de matriz europeia que se implantaram no meio nacional. A personagem C. sente-se relevante, inserida no cenário internacional, ao fazer comparações do Brasil com o “estrangeiro”, como observa Salete de Almeida Cara:

O anfitrião C... é apenas um exemplo da nossa voz “moderna”, cuja bisbilhotice traz embutida a voz convencional do tempo. Nos limites da rua do Ouvidor, aquela gente se sentia verdadeiramente internacional ao passar informações sobre coisas do estrangeiro, podendo até compará-las com as coisas de cá (Cara, 2008, p. 226).

Os “homens de letras” – menção com carga metaficcional, pois Machado é um deles – são parte integrante da paisagem, além da burguesia em ascensão e do operário, ou seja, são trazidos ao conto o homem erudito, o detentor das riquezas e o comum, do povo. Há o emprego de uma ironia tenaz que coloca o último como espectador da “rutilante riqueza”, que apenas lhe é permitido contemplar. A mordaz crítica machadiana, que em vários pontos de sua produção, dirige-se à euforia progressista, é capaz de expor, nesse breve retrato sobre o operário, as fraturas da nascente metrópole, como percebe Katia Muricy: “Seu ceticismo em relação ao pensamento liberal e à racionalidade burguesa é o filtro crítico com que acolhe a entrada de valores da modernidade europeia

no Brasil” (Muricy, 1988, p. 14). O autor de *Quincas Borba* porta um espírito crítico bastante providencial diante da afluência, para a nação brasileira em formação, de teorias racistas e eugenistas – como o darwinismo social –, de extrema violência e inviabilizadoras da própria possibilidade de existência de uma nação miscigenada. É necessária, nesse sentido, a “crise” em relação aos valores importados, uma crise que é condição de manutenção da integridade da vida. Crise e crítica tornam-se muito próximas na escrita de Machado (muitas vezes sob a forma de ironia), e incidem sobre o espaço, a política, as notícias que mais parecem boatos.

A expansão da imprensa no Rio de Janeiro, que alcança seu apogeu à época na Rua do Ouvidor, é fator de condensação de culturas, de interlocução de diferentes modos de vida e de recepção das novidades sobre os trâmites políticos brasileiros. Machado publicou seus contos em jornais como a *Gazeta de Notícias* e o próprio *Jornal das Famílias*; o desenvolvimento do gênero narrativo breve foi impulsionado pelo suporte jornalístico, pois a rapidez da divulgação das informações desse novo *media* requeria textos mais sucintos, a serem lidos em uma sentada, como diz Poe (1987) em sua *Filosofia da composição*.

Nesse novo contexto, a relação com o público leitor tornou-se mais estreita. Isso pode ser observado não só em autores de países centrais em termos econômicos, como Edgar Allan Poe (1809-1849), mas também em Machado de Assis, que tanto se direcionou à “amiga leitora” em sua obra. Tal relação com o público é aparentemente de irmandade em “Tempo de crise”, estabelecendo-se logo no início do conto: “Queres tu saber, meu rico irmão, a notícia que achei no Rio de Janeiro, apenas pus pé em terra? Uma crise ministerial” (Assis, 1994, p. 208). O leitor é convocado a participar das notícias efervescentes, a tomar parte das novidades. Ele pode optar por um papel passivo, de mero receptor, como o “rico irmão” que confia no narrador, ou ousar um engajamento crítico na dinâmica da metrópole. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, Machado de Assis requer “pelo menos dois tipos de leitor conflitantes – o romântico e o antirromântico, o crédulo e o incrédulo, o estúpido e o perspicaz etc.” (Guimarães, 2004, p. 198). Ainda segundo o crítico, na escrita machadiana é possível encontrar, submersa a uma atitude cordial com o leitor, a denúncia de uma irracionalidade basilar nas relações humanas. Essa dinâmica poderia ser observada mais claramente no romance *Quincas Borba*: “Sob a superfície serena e cordial, contudo, há um mundo marcado pela irracionalidade que se procura

naturalizar aos olhos do leitor, cuja desrazão fica insinuada pelos constantes paralelos das suas atitudes e posturas com as do ensandecido Rubião” (Guimarães, 2004, p. 196). Também em “Tempo de Crise”, sob a aparente trivialidade da fofoca e do boato, subjazem a natureza desencontrada constitutiva do discurso e o modo tacanho das personagens de lidar com questões de relevância para o país. Sob a aparente irmandade com o leitor está implícita ainda a crise dessa relação nos moldes tradicionais romanescos.

A DIFERENÇA EM MACHADO

As mudanças trazidas pela urbanização no século XIX incidiram na paisagem e nas subjetividades nascentes. O espaço e o novo homem que nele então circulava dialogavam entre si e se retroalimentavam. Assim, a configuração da paisagem era matizada por formas de subjetividade em construção. Alguns tipos metropolitanos retratados por Machado de Assis eram mais informados, antenados e críticos de seu tempo, outros eram meros espectadores deslumbrados pelos avanços trazidos com o progresso. Algumas personagens do autor não se destacam da mentalidade provinciana, apesar de residirem na capital:

Província e capital são caricaturas recíprocas uma da outra, acusando o mesmo patamar de atraso, quando o procedimento clássico da modernização no mundo adiantado, num primeiro momento, tinha oposto a pequena cidade ligada ao campo à cidade onde se instalavam comércio e indústria. Província e capital passam, aqui, ao largo de qualquer movimento dessa natureza. Talvez Machado de Assis ainda não pudesse atinar com a dimensão dessa situação de atraso, mas por certo seu leitor atinava muito menos com a ironia que já revestia suas observações precisas sobre nossa situação e nossa gente (Cara, 2008, p. 226-227).

É pelo caminho da relativização da euforia progressista e mesmo da ridicularização da adesão acrítica aos ideais europeus que Machado instaura a *diferença* na literatura brasileira, no cerne da noção de que “as leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes” (Santiago, 2000, p. 22). Conhecedor de clássicos da literatura de países centrais, o autor brasileiro incorporou tal herança à sua escrita, mas o fez pela via da antropofagia, que consiste na “digestão” do legado de fora e na sua transformação em uma produção com inequívocas marcas nacionais. A percepção de Machado sobre o

Rio de Janeiro em processo de urbanização não é ingênua nem eufórica, muito menos carregada da romantização ufanista da paisagem:

É preciso lembrar que pintar a natureza brasileira no que ela tem de mais tropical, de mais antieuropeu, é de um nativismo ilógico. Porque, quer queira quer não, o artista se coloca, para isso, exatamente no mesmo pé que o estrangeiro recém-chegado: quer dar uma sensação de exotismo. Para poder elogiar o que a paisagem carioca tem de original, é preciso compará-la mentalmente com outras, e, logo, adotar, provisoriamente pelo menos, uma alma europeia (Bastide, 2003, p. 196).

Como escritor brasileiro, Machado de Assis desviou-se do olhar colonizador europeu em sua produção literária, a qual abarca a apreciação do espaço carioca. A recusa à submissão e à influência estrangeira é um dos aspectos que marca o nacionalismo machadiano, que não reforça o exotismo de seu país para cair nas graças de um olhar de fora.

Reconhecer-se no próprio povo e no próprio solo implica um olhar de dentro para fora, cabendo ao sujeito o papel de transformador do entorno, no lugar de mero espectador deslumbrado com a paisagem: esse processo essencialmente ativo requer um reconhecimento do próprio corpo, imerso em determinado espaço, e o uso de todos os sentidos, não apenas da visão, tradicionalmente privilegiada. É necessário ter ouvidos para compreender a Rua do Ouvidor, foco de notícias e de transformações políticas. Sem uma escuta atenta e crítica do que se passava no contexto nacional, os acontecimentos desembocariam em boatos, tão bem ilustrados no conto, que joga com os limites entre a fofoca e a informação (cabe ressaltar que tal diferença não é bem estabelecida inclusive em diversos meios de comunicação nos dias de hoje). Escutar implica discernir superfície e base, espécie de limiar de apreensão que a própria estrutura do conto requer: esse gênero breve segue uma dialética de superposição de histórias, uma visível e outra oculta (Piglia, 2004). A crise ministerial aparece, na narrativa de Machado, como o mote mais evidente sob o qual são tratados os meandros da formação da nacionalidade.

É importante destacar que a escuta atenta realizada pelos “ouvidos” de Machado de Assis atua como uma espécie de registro histórico pela via da literatura e do próprio corpo do autor. Se há diversos arquivos fotográficos da Rua do Ouvidor do século XIX, Machado nos forneceu um registro de uma escuta apurada e crítica de escritor latino-americano, cuja literatura tem potencial de alcance universal.

O entre-lugar histórico da constituição da subjetividade brasileira sempre foi carregado de tensões. Por um lado, a colonização agressiva e exploratória acompanhada da herança escravocrata deixou marcas profundas na identidade do nosso povo; por outro, a novidade e a promessa de progresso vindas do exterior portavam a utopia de salvação para uma realidade frequentemente inóspita. A alternativa de sobrevivência nesse caldeirão ideológico foi, no caso de Machado, a incorporação do legado estrangeiro com o simultâneo processo de nele inscrever a marca nacional. Trata-se de uma escrita construída via agressão ao código de fora:

Ao invés da velha questão das influências, em termos de autores e obras, abria-se um novo processo: autores de uma literatura supostamente periférica subitamente se apropriavam do total do código, reivindicavam-no como patrimônio seu, como um botim vacante à espera de um novo sujeito histórico (Campos, 1992, p. 246).

A absorção acrítica da influência estrangeira ameaça a própria integridade simbólica do sujeito brasileiro. No filme *Bacurau* (2019) ficam evidentes as consequências da negação da identidade nacional em função da identificação com o colonizador. Na cena entre os brasileiros sulistas e os supremacistas brancos norte-americanos, os últimos assassinam os primeiros porque não os reconhecem como um dos seus e os veem, ao mesmo tempo, como traidores de seu próprio povo. Os sulistas, com o sentimento de superioridade em relação aos compatriotas nordestinos, ao não se perceberem como brasileiros, muito menos se tornam estrangeiros: o lugar que lhes resta, na trama, é o do desaparecimento, que parte do simbólico e desemboca na morte física.

É de caráter violento o olhar estrangeiro que percebe a paisagem e seus habitantes como exóticos, pois isso implica um processo de desumanização do outro e de distanciamento em relação ao ambiente. Essa agressão pode ser sutil, quase imperceptível, disfarçada sob uma espécie de “complexo de salvador”. Em *Bacurau*, as ameaças que circundam os brasileiros e seu território são explícitas e enfrentadas a partir de um estado alterado de consciência, como se este propiciasse, no contexto, uma atenção diversa à própria identidade e aos riscos impostos a esta. Mas há outro modo de entorpecimento, aquele da alienação, muitas vezes manifestado no deslumbramento diante das novidades de fora, tal qual a personagem C., metáfora do brasileiro sob ameaça de desaparecer

enquanto possibilidade válida de cultura, língua e espaço. Este corre o risco de devastação irreversível sob a lógica predatória que visa o lucro, desconsiderando o modo como o humano pode se equilibrar com o ambiente e ressignificá-lo: as cidades grandes são uma espécie de limite desse equilíbrio, onde pouco do espaço original permanece, mas mesmo elas podem ser projetadas considerando o elo entre sociedade e natureza, conexão que incide inclusive nas condições de saúde física e mental da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura e a paisagem brasileira são antropofágicas e transfiguradoras: corpos e tradições de outros países que aqui se inserem são transmutados pelo relevo, pelo clima, pela vegetação, pelo sol escaldante em muitos lugares e, principalmente, pelos habitantes e a cultura nacionais. O movimento orgânico da literatura segue um processo pulsante de assimilação do fora para alimentar uma nacionalidade dialógica: “Pois bem, Machado – nosso Borges no Oitocentos –, cuja obra marca o zênit da *parousía* na suma concordante dessas leituras logofônicas, é nacional por não ser nacional” (Campos, 1992, p. 237). A assimilação acrítica da influência estrangeira, visando a uma evolução rumo aos cânones consagrados no exterior, tornaria a literatura brasileira uma mera cópia, uma produção imitativa e caricatural, que não encontraria lugar por muito tempo em solo nacional, muito menos fora. Machado sintetiza o espírito brasileiro ao ocupar o entre-lugar de convergência entre a tradição europeia e a afirmação da identidade de um povo que se recusa à colonização física e simbólica, a despeito do mal-afamado “complexo de viralatas”.

Nas trocas com a Europa, colonizador e colonizado se modificaram irremediavelmente. É nesse contexto de intercâmbio cultural que se situam as personagens de “Tempo de crise”, notadamente na Rua do Ouvidor. O Brasil de Machado não era mais o lugar das matas virgens nem o lugar de mera assimilação dos valores estrangeiros. O simples deslumbramento diante do que era importado traria inexoráveis prejuízos ao senso crítico e à identidade enquanto povo. A sobrevivência diante desse cenário só seria possível com a afirmação da identidade nacional pela via da antropofagia e da “crise”, mas uma crise em relação às próprias estruturas hierárquicas e burocráticas indecifráveis para o cidadão comum, que o Império brasileiro herdou de Portugal. No conto de Machado, a organização, os motivos da queda do ministério e sua nova

configuração são incógnitas para as personagens, o que as leva a confabulações desencontradas. A análise que elas fazem da política nacional acaba desembocando em boato, em desencontros discursivos, antes de conduzir a um engajamento como sujeitos ativos e transformadores da realidade do país. Mas, se a construção de um discurso identitário é precedida por uma espécie de Torre de Babel, talvez nas falas caóticas e alienadas das personagens já houvesse em gérmen a voz da nação brasileira emergente. Para o nascimento dessa nova voz é necessário que algo morra – o próprio ministério “cadáver”, que tem como espectadores cidadãos muito mais preocupados com o benefício próprio e com o *status* por portar uma notícia de primeira mão do que com a própria nação: “Dos presentes eram quase todos opositores, ou pelo menos faziam coro com o Abreu, que fazia diante do cadáver ministerial o papel de Bruto diante do cadáver de César” (Assis, 1994, p. 213). O conto demanda a crise; o tempo convocado é aquele da transição das estruturas estabelecidas para um novo formato de identidade nacional, marcada pela miscigenação, pela ainda incipiente República (a qual, de fato, pouco representou na prática, pois as estruturas de outrora permaneceram praticamente intactas). O título é, ao mesmo tempo, um convite, um imperativo: é tempo de crise! É tempo de crise, de morte, de renascimento, ciclo que se repete no Brasil em busca de firmar a própria democracia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Tempo de crise. In.: ASSIS, Machado de. *Papéis velhos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca carioca, 1995.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho; Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux; Saïd Ben Saïd; Michel Merkt. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. 101 min.

BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. *REVISTA USP*, São Paulo, n.56, p. 192-202, dezembro/fevereiro, 2002-2003.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teorias e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARA, Salette de Almeida. Um tempo de crise no conto machadiano: os contos, as crônicas e a experiência em Machado de Assis. In: Marli Fantini (Org.). *Crônicas da antiga corte: Literatura e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MURICY, Katia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PIGLIA, Ricardo. Formas breves. In: PIGLIA, R. *Teses sobre o conto*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

Recebido em: 06/08/2023

Aceito em: 07/09/2023

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo: Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP.